A COMUNIDADE COMO "ANTECIPAÇÃO" DO JUBILEU

Martin Volkmann

1. Introdução

O tema geral deste volume gira em torno do jubileu. É um assunto de importância relevante para a convivência do povo de Deus. Basta considerarmos que os aspectos ligados a esse assunto – libertação de escravos, liberação de dívidas, descanso da terra – já aparecem nos códigos legais bastante antigos que orientam o convívio do povo: Ex 21,1-11; 23,10-11; Dt 15,1-11. Lv 25, o texto que tematiza especificamente o tema jubileu, representa, portanto, a síntese desta preocupação com a justiça social que deve determinar este convívio. Esta preocupação tão antiga não poderia deixar de transparecer naqueles textos que testemunham o evento escatológico para o povo de Deus – os relatos sobre a pregação e atuação de Jesus de Nazaré. Em palavra e ação, Jesus anuncia a antecipação do jubileu, especialmente para quem sofre sob condições sócio-político-econômico-religiosas de marginalização. Basta lembrarmos as curas, o convívio com "publicanos e pecadores", o anúncio de perdão. Por isso o tema "jubileu" é uma questão de suma importância para o povo de Deus, também em nossos dias. Esta importância se acentua ainda mais se considerarmos que as condições de marginalização não diminuíram; pelo contrário, se acentuam cada vez mais nesses dias de globalização geral. Diante disso, convém perguntar pelos desafios que a mensagem do jubileu representa para o convívio do povo de Deus em nossos dias. Por isso nos propusemos a tecer algumas considerações sobre esses desafios para a comunidade cristã hoje. E colocamos arrojadamente no próprio título a tese de que a comunidade é a antecipação do jubileu. Para fundamentar esta tese, iniciamos com algumas breves considerações sobre o testemunho da atuação de Jesus como o evento escatológico que inaugura o jubileu. A seguir, analisaremos alguns relatos sobre a vida comunitária da primeira cristandade para, com base nestes subsídios, confrontar a nossa realidade comunitária e analisar em que medida ela consegue espelhar esta antecipação e onde estão os maiores desafios neste sentido hoje.

2. Jesus como inauguração do jubileu

Não se trata aqui de fazer uma analise acurada e completa dos evangelhos sinóticos, principalmente, para verificar em que medida o tema jubileu tenha sido parte do programa de Jesus. Esse aspecto é assunto mais específico de outras contribuições deste volume. Veja também o estudo muito profundo neste sentido em Sharon H. Ringe, *Jesús, la Liberación y el Jubileo Bíblico: Imágenes para la Ética y la*

Cristología. San José, Editorial DEI, 1997. Trata-se aqui apenas de mostrar, em alguns exemplos, que, a partir da atuação de Jesus, as pessoas entenderam a sua presença como o evento escatológico que inaugura o Reino de Deus e que, por isso, a comunidade cristã é o povo escatológico de Deus que vive a antecipação do Reino.

O evangelista Lucas coloca programaticamente no início do relato sobre a atuação de Jesus aquele episódio na sinagoga em Nazaré (4,16-30) em que, em resposta à leitura de Is 61,1-2, que contém a referência expressa ao jubileu, Jesus conclui com a observação: "Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (v. 21; veja também Lc 7,18-23 onde, em resposta à pergunta de João Batista, Jesus responde apontando para os mesmos aspectos referidos aqui e que automaticamente fazem lembrar Is 61). Na citação do texto profético, aparecem aqueles elementos que fazem a ligação com o jubileu e que irão ser fundamentais no relato do evangelista a seguir para demonstrar a excepcionalidade do momento: o papel do Espírito Santo, o significado de Jesus como o ungido, o anúncio das boas-novas aos pobres e a libertação ou o perdão. Ao mesmo tempo, o texto contém aspectos de contraposição a estes elementos e que justamente destacam a importância dos mesmos: seus conterrâneos não percebem o "kairos" e, ao rechaçá-lo, prefiguram a rejeição de Jesus que culmina na crucificação. Assim, ao colocar esse episódio no início de seu relato e recheá-lo com esses dados, Lucas prepara o cenário para apresentar a vida e o ministério de Jesus como o evento escatológico e a antecipação do Reino; portanto, como a inauguração do jubileu.

Para exemplificar, vejamos algumas passagens em que o evangelista Lucas destaca em que sentido Jesus significa esse "kairos". As bem-aventuranças (6,20-22), em contraposição às maldições, a seguir, referem-se justamente a pessoas que sofrem determinadas necessidades ou padecem sob certas circunstâncias: pobres, famintos, os que choram e os que são odiados. Justamente tais pessoas são declaradas bem-aventuradas, ou seja, delas Deus se agrada e para elas vale a sua ação salvífica. Por isso elas são bem-aventuradas, ou seja, elas participam daquela alegria que marca as pessoas que recebem a boa-nova escatológica (Mt 13,16; 16,17; Lc 14,15; Ap 14,13; 19,9).

Um outro exemplo temos na parábola da grande ceia (Lc 14,15-24). A ceia é uma imagem muito comum para descrever a alegria escatológica (Mt 22,1-10; Ap 19,9.17). Deste banquete participam justamente os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos (v. 21; veja também v. 13), em lugar daqueles que, inicialmente convidados, se auto-excluem, porque não percebem o momento especial e porque seu *status* ou suas tradições religiosas já não representam mais uma garantia de participação no Reino.

E ainda um último exemplo. Ao longo do relato, os evangelhos sinóticos apresentam diversos sumários em que é resumida sinteticamente toda a mensagem e significado de Jesus: Mt 4,23; 9,35; Mc 6,12-13; Lc 8,1; 9,1-2. Também aqui reaparecem aquelas imagens do jubileu: o Reino de Deus, proclamação da boa-nova, curas e expulsão de demônios.

Resumindo, podemos concluir: Jesus não fez do jubileu o seu programa, mas aspectos marcantes do jubileu estão presentes em sua atuação e pode-se ler esta sua

atuação sob o prisma do jubileu, assim como o fez especialmente o autor de Lc. Isso transparece também na segunda parte de seu relato, no livro de Atos. Vejamos, a seguir, como, nas primeiras comunidades, se procurou vivenciar esta antecipação do jubileu.

3. Buscando viver a antecipação do jubileu

O livro de Atos e as cartas nos mostram como os seguidores de Jesus passaram a viver esta nova realidade inaugurada com sua atuação, morte e ressurreição, mediante o testemunho do que eles experimentaram e pela elaboração de uma nova vida comunitária. Ambas as coisas – testemunho e vida – estão intimamente entrelaçadas: o testemunho leva a uma nova vivência, a própria vivência é testemunho. E os próprios textos bíblicos também refletem isso: relatam o anúncio da boa-nova e descrevem as conseqüências na vida comunitária. Quanto ao primeiro aspecto, basta apontar para At 1,8; 2,14s; 3,11s; 13,16s; 17,16s (os grandes discursos de Pedro e de Paulo) ou ver a maneira como Paulo introduz as suas cartas, destacando que ele foi vocacionado para anunciar o evangelho (Rm 1,1s; 1Cor 1,1; Gl 1,1). Desta maneira, estas testemunhas dão continuidade à obra de Cristo: através de seu anúncio se atualiza a inauguração do Reino de Deus. Como isso se reflete na vida comunitária?

Logo no início de seu relato, à semelhança do que fizera na primeira parte de sua obra, em Lc 4,16s (veja acima), o autor de Atos coloca programaticamente, em 2,42-47 e 4,32-35, o modelo de vida comunitária que o evento escatológico inaugura, fruto do perdão e do batismo como incorporação neste evento: 2,38; veja também 3,19; 5,31; 13,38. Em 2,42-47 dá para estabelecer um certo paralelismo entre as partes em que os assuntos são retomados: nos v. 42 e 46 fala-se das celebrações/orações, da convivência e do partir do pão/das refeições em conjunto; os v. 44 e 45 destacam a comunhão de bens e a venda das propriedades; nos v. 43 e 47, na continuidade dos versículos anteriores, é descrita a atuação dos apóstolos (43) e a reação do povo que passa a aderir à comunidade (47). Em 4,32-35 os mesmos tópicos são retomados, porém, com destaque maior para a questão dos bens em comum. Assim, podemos observar nestes dois textos como o evento escatológico em Jesus traz mudanças profundas na vida dos primeiros cristãos: a inclusão/aceitação de todas as pessoas que se deixam motivar pela novidade (2,41.47; 4,32); a comunhão entre as pessoas (2,42.44a; 4,32); o partir do pão/refeições em conjunto (2,42.46); a comunhão de bens (2,44b-45; 4,32-35). Considerando especialmente as expressões "todos tinham tudo em comum", "distribuíam o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade", "ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma das coisas que possuía", "nenhum necessitado havia entre eles" – dá para estabelecer uma relação com o programa do jubileu, principalmente referente à remissão de dívidas e ao retorno à propriedade. Mesmo que não haja uma concordância expressa com as imagens do jubileu, há uma semelhança entre a proposta do jubileu e o que se vivencia nesta comunidade: aqui se vive a presença antecipatória do Reino de Deus.

O livro de Atos, a seguir, traz ainda outros enfoques desta novidade do Reino. Em diversos momentos há relatos de curas: 3,1-10; 9,32-35; 9,36-43; 14,8-10. Em

outros momentos é destacada a eliminação de barreiras entre as pessoas: 8,26-40; 10,1-48; 15,1-21. Este é um dos destaques nas reflexões de Paulo: Gl 3,28; 1Cor 12,12-26; veja também Ef 2,11-22; 3,1-13. A comunidade cristã reflete uma nova realidade em que cada pessoa tem o seu valor e em que, especialmente os que não eram considerados, passam a ser valorizados (1Cor 1,26-29). Sem dúvida, aqui também não aparecem imagens específicas do jubileu. Mas estes aspectos contribuem significativamente para caracterizar o novo que a comunidade procura vivenciar, especialmente com e para quem antes não tinha vez.

Dentro deste quadro pode ser incluída também a coleta para os pobres de Jerusalém que Paulo levanta entre as comunidades de origem não-judaica (Rm 15,25-27; 1Cor 16,1; 2Cor 8,1-15; 9,1-5; Gl 2,10; At 24,17; veja também At 11,29). Esta oferta está na continuidade daquela proposta do início do livro de At de que não havia "nenhum necessitado entre eles" (4,34). De certa forma, esta informação sobre a coleta põe em dúvida a veracidade da informação de Atos: será que realmente foi assim ou, caso tenha havido aquela comunhão de bens, ela não acabou em fracasso? No entanto, o fato de que irmãos distantes se solidarizam com os necessitados de outra comunidade demonstra aquele espírito que passou a determinar esta nova comunhão que se evidencia bem concretamente na ajuda ao necessitado. Por outro lado, a comunhão material é apenas o reverso da moeda, ou seja, ela é a contrapartida da comunhão espiritual (Rm 15,27). Portanto, a partir daquele evento fundamental que muda radicalmente a vida das pessoas, justamente pela ação do próprio Deus, estabelece-se uma nova relação entre as pessoas que abarca a vida toda delas, tanto na esfera espiritual quanto na material. Em outras palavras, inaugura-se uma nova comunhão de vida entre as pessoas, na qual se busca vivenciar a integralidade da vida, ou seja, sinais que antecipam a presença do Reino.

4. Desafios para a comunidade vivenciar a antecipação do jubileu

Vimos acima, num primeiro momento, que Jesus não fez do jubileu o seu programa de atuação. Por isso também não dá para colocar o jubileu como programa da comunidade. No entanto, seu ministério foi visto sob a ótica do jubileu, porque aquilo que as pessoas experimentavam na sua presença tinha muita semelhança com o que o jubileu propunha. Por isso, foi o que vimos num segundo momento, a comunidade cristã procura dar expressão a essa experiência na sua convivência comunitária. Como isso pode se concretizar hoje?

Em primeiro lugar, cabe recordar o que observamos no início da análise da prática comunitária dos primeiros cristãos: a relação intrínseca entre testemunho e vivência. Portanto, é tarefa primária da comunidade dar continuidade à obra de Cristo mediante o anúncio de que nele o Reino de Deus se tornou realidade entre nós e que não existe mais barreira alguma que impeça qualquer pessoa de participar desta nova realidade. Junto com esse testemunho, cabe à comunidade a constante reflexão sobre a forma correta deste testemunho: O evangelho que anunciamos é de fato o evangelho

de Jesus Cristo de aceitação incondicional de todas as pessoas, por obra graciosa e exclusiva de Deus? Que circunstâncias ou instâncias, na sociedade ou na própria comunidade de fé, impedem que as pessoas façam esta experiência libertadora?

Em segundo lugar, cabe à comunidade refletir sobre as implicações desta novidade na sua vivência, tendo sempre presente, porém, que testemunho e vivência não acontecem separadamente, mas coexistem numa relação intrínseca. Vejamos alguns exemplos.

1. A proposta do jubileu se faz necessária, porque a forma de se organizar o convívio humano gera pobreza, marginalização, exclusão. Tudo isso são realidades bem presentes em nossos dias. A globalização em todos os sentidos, ao gerar alto grau de riqueza para usufruto de quem já tem condições de usufruí-las, cria cada vez mais miséria e aumenta o número dos miseráveis. A comunidade, junto com o anúncio do senhorio de Jesus, deve manter a consciência crítica de seus membros e levantar a voz profética contra as estruturas geradoras de sempre maior marginalização e miséria. Isso ela pode fazer em todos os seus grupos, setores e em todas as suas programações. Mas, junto com esta reflexão, a comunidade deve ser espaço onde as pessoas, que sofrem sob tal marginalização e miséria, possam sentir aceitação, acolhida e comunhão. Muitas comunidades têm preocupação com as pessoas que passam por necessidades e procuram estabelecer programas de ajuda a essas pessoas: cursos profissionalizantes, ajuda material, serviço de orientação etc. Mas importa ir um passo além: Que a comunidade passe cada vez mais a ser igreja dos pobres ao invés de ser apenas igreja para os pobres.

2. Uma modalidade de realizar isso, combinando simultaneamente consciência critica interna e voz profética para a realidade maior, é engajar-se como comunidade nas organizações sociais que buscam soluções para problemas bem concretos: meninos/as de rua, agricultores sem terra, combate ao racismo e à violência, prevenção de doenças, grupos ecológicos, prevenção e recuperação de drogados etc. Outra modalidade é abrir espaço dentro do âmbito comunitário para que grupos de auto-ajuda (por exemplo, Alcoólicos Anônimos) se reúnam ali; que se formem cooperativas de pessoas desempregadas para produção independente (por exemplo, de costureiras, de produção de alimentos).

3. Considerando que cada vez mais as pessoas passam a viver em conglomerados urbanos e considerando, também, que a perspectiva de vida é sempre maior, aumentando assim o número de pessoas na terceira idade, cresce o número de pessoas que sofrem sob a solidão. Além disso, para muitas dessas pessoas o sofrimento é ainda maior pela deficiência da aposentadoria e do atendimento médico. Assim, a comunidade cristã poderá ser cada vez mais um espaço significativo para essas pessoas mediante a criação de grupos de terceira idade em que as pessoas se reúnem para programas de lazer, de encontro, de reflexão, de celebração e de estudo. Mas poderá ser também um grupo que acolhe, organiza e ajuda pessoas em suas necessidades bem concretas.

4. No entanto, não apenas para a terceira idade, mas para todas as idades, especialmente no contexto urbano, a comunidade pode e deve ser um espaço de grupos: de jovens, de casais, de proximidade e afinidade entre as pessoas. Ser espaços em que as pessoas possam experimentar comunhão, aceitação e crescimento. Ser momentos em que se experimenta a nova vida do Reino e da qual se buscam as forças e a orientação para a vivência no dia-a-dia, sob o rumo do Reino.

Concluindo, podemos dizer: O programa do jubileu aponta para o fato de que a maneira de nós organizarmos o convívio social leva a fracassos e, conseqüentemente, à marginalização, exclusão, dominação etc. O programa do jubileu visa remediar essa realidade mediante o restabelecimento da ordem justa inicial: reparar a situação dos que sofrem sob o fracasso, especialmente do ponto de vista econômico. Jesus não fez do jubileu o seu programa de atuação. Mas toda a sua maneira de ser foi vista sob esta ótica: ela se caracterizou pela aceitação, especialmente dos fracassados na vida e rejeitados pelos outros. A comunidade cristã deu continuidade a essa mensagem e procurou expressar isso concretamente em sua maneira de ser: Comunidade de Jesus Cristo é comunhão dos que não são gente por força ou mérito próprios. Isso pode se expressar de múltiplas formas, inclusive sem conotação sócio-econômica inicial. Não se trata, evidentemente, de espiritualizar a idéia de jubileu. A comunidade cristã não pode esquecer os mais fracos entre os fracos, também sob o ponto de vista econômico. Mas ela poderá ser uma maneira de antecipação do jubileu, oportunizando a vivência antecipatória do Reino de Deus nas mais diversas programações e organização de sua vida comunitária.

Martin Volkmann
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo, RS